

EDITORIAL

Na carreira acadêmica, cheia de tarefas as mais diversas (orientações de monografia, aulas, palestras, comunicações orais, bancas examinadoras, comissões de avaliação, monitorias etc.), destaca-se uma como das mais árduas: a escrita.

Na graduação, a maior parte dos programas de Atividades Complementares destina apenas 20 horas para a publicação de artigos completos em anais de eventos ou em periódicos científicos. Mas qualquer um que tenha escrito um artigo com o mínimo de cuidado e qualidade sabe que são necessárias muito mais do que 20 horas para se escrever um bom artigo. Alguns concursos pontuam, na prova de títulos, no máximo, 3,0 pontos no quesito publicações, sendo atribuído, a cada artigo, de 0,5 a 1,0 ponto. Se levarmos em consideração que a escrita de um texto demanda um grande tempo de leitura, de pesquisa (às vezes de campo, com entrevistas, análise de dados etc.), reflexão e planejamento textual, além das horas e horas de revisão e reescrita do texto, não haverá dificuldade em perceber que essa forma de pontuação precisa ser reformulada.

Como está dito num de nossos manuais práticos para escrita de textos acadêmicos,

Pesquisar exige muito do que hoje em dia está escasso: tempo, paciência e disciplina. Numa sociedade automatizada e imediatista como a nossa, em que quase tudo se resolve com um clique, pesquisa é coisa quase fora de moda; principalmente se pensarmos em termos de ciências humanas, cujos resultados são menos imediatos e menos observáveis que as pesquisas das áreas tecnológica e médica. (*Manual Prático para Escrita de Textos Acadêmicos II* – projeto de pesquisa, Faculdade Luciano Feijão, 2014, p. 07-08)

Antes de escrevermos um artigo científico, há todo um trabalho de definição e delimitação do tema, reunião de informações, pesquisa de fontes, leitura e fichamento, pesquisa de campo e/ou realização de entrevistas, enfim, um trabalho que exige do autor esforço, dedicação e disciplina.

Por tudo isso, quando nós, da *Scientia*, recebemos uma colaboração, ficamos imensamente felizes, porque isso representa um voto de confiança em nosso trabalho. Significa que o/a autor/autora está confiando a nós o produto de um tempo de trabalho seu, de dedicação sua que não pode ser mensurado. É uma forma de reconhecimento no trabalho que desenvolvemos

aqui, desde a fundação da revista, em 2012. Assim, procuramos corresponder a esse voto de confiança através de um processo de avaliação idôneo e com isonomia por parte de nosso corpo de pareceristas e de nosso Conselho Editorial.

Claro, enfrentamos dificuldades estruturais próprias de quem ainda está no começo da estrada. Somos uma faculdade pequena, ainda, fundada no interior do Ceará, em pleno semiárido brasileiro, com menos de 10 anos de existência. Nosso setor de publicações existe há 3 exatos anos, com uma equipe que ainda não é a ideal mas que tem procurado, na medida do possível, dar conta do virtuoso crescimento – na monta de quase 400% – da produção acadêmica de nosso corpo docente e discente. Um setor que administra quatro editoriais – Anais de eventos acadêmicos (4), Periódicos (2, sendo um impresso), livros institucionais (4, em parceria com as coordenações de curso) e Manuais de escrita acadêmica (2). As quatro editoriais juntas têm publicado, neste pouco tempo de existência, mais de 500 trabalhos; entre artigos completos, resumos expandidos e resumos simples.

Afora estas condições, existe o desafio constante de reunir artigos de colaboradores externos à instituição mantenedora da revista; isso porque o método de avaliação da CAPES quanto ao *Qualis* da revista depende do fato dela publicar artigos de alunos de programas de pós-graduação *stricto sensu* de pelo menos cinco instituições diferentes, de cinco unidades federativas distintas (é o que ela chama de exogenia). É um paradoxo, contudo! Um paradoxo porque a quase totalidade dos programas de pós-graduação estrito senso

exige que seu alunado publique artigos em revistas avaliadas, minimamente, no estrato B4 – nós somos C! Isso se dá porque parte da nota de avaliação dos Programas de Pós-graduação atribuídos pela CAPES considera também o nível das publicações dos pós-graduandos e professores do programa. Assim, os programas fazem essa exigência, a fim de que a própria nota de avaliação desses programas junto à CAPES suba; ou, pelo menos, não caia. Uma revista C como a nossa, no entanto, só pode ser melhor avaliada – subir nas estratificações de periódicos; para B5 ou B4 – se contarmos com a colaboração e a boa vontade de pós-graduandos, já que existe uma pressão por parte de seus programas para que eles submetam artigos a revistas melhor qualificadas. Ou seja, como se pode ver, é um paradoxo!

O outro lado dessa moeda é o que nos leva mesmo a salientar a colaboração, nesta edição, de nossos professores da Administração, do Direito e da Psicologia, que, não obstante essa exigência dos programas, prontamente atenderam ao chamado que fizemos para composição desta edição que agora o(a) leitor(a) tem em mãos.

Boa leitura!

Prof. Me. Léo Mackellene
Editor de publicações da
Faculdade Luciano Feijão